

## Estado anuncia reforço da BM em escolas e monitoramento de redes

### Governo anuncia reforço da Brigada em colégios

VINICIUS COIMBRA  
vinius.coimbra@zerohora.com.br

O governador Eduardo Leite afirmou, no início da noite de ontem, que será reforçado o policiamento no entorno de escolas públicas e particulares. Após uma reunião no Palácio Piratini, Leite disse que o efetivo policial será ampliado durante o período de aulas e que os PMs receberão por horas extras. Também anunciou a compra de um software para monitorar redes sociais.

O encontro foi marcado devido à incidência de mensagens nas redes sociais, acerca de supostas ameaças contra instituições de ensino, e também por conta do caso desarticulado em Maquimé. O governo estadual não divulgou quantos casos suspeitos de ameaças a escolas estão sob análise ou foram descartados pela investigação.

A Secretaria Municipal de Educação (Smed) de Porto Alegre informou não ter recebido nenhuma ameaça nos últimos dias. A pasta assegurou não ter notícias de suspensão de aulas, mas admite não ter feito o acompanhamento da ausência dos alunos nas instituições de ensino da Capital. A Smed explicou que cada escola tem o próprio planejamento em caso de ameaças.

Já a Secretaria Estadual da Educação também afirmou que as aulas estão mantidas e que não há alteração no cronograma de atividades nem na carga horária. A pasta reforça que tem monitorado "intensivamente" a situação.

#### Universidades

A Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) emitiu nota à comunidade acadêmica ontem, na qual informa que nenhuma ameaça foi detectada pela instituição. Na terça-feira, a equipe de segurança vistoriou prédios, banheiros, corredores e espaços do campus.



BM vai ampliar presença nas instituições de ensino

"Nenhuma mensagem ou anomalia foi detectada", afirma a PUCRS, que elenca outras medidas tomadas: a conversa com autoridades e órgãos de segurança, reforço e controle na vigilância da instituição com acréscimo do efetivo.

A Unisinos também emitiu nota ontem, reforçando estar atenta aos atos de violência. A universidade ressalta que "adota protocolo de atenção, com reforço das medidas de monitoramento nos campi e nas redes sociais".

Além disso, a Unisinos destaca que "conta com um Sistema Integrado de Emergência com protocolos de segurança". A instituição pede que denúncias sejam comunicadas ao seu canal de comunicação de emergência, no telefone 3590-8234 ou pelo ramal 234.

#### Orientações

Hoje o Sindicato do Ensino Privado do RS (Sinepe) promoverá um evento híbrido sobre segurança escolar, com a participação de um especialista no assunto e da Brigada Militar. Serão apresentadas orientações às instituições sobre como lidar com ameaças de ataques a escolas. O evento é gratuito e voltado para instituições de ensino privado, da Educação Infantil até o Ensino Superior. As inscrições podem ser feitas no site do sindicato ([sinepe-rs.org.br](http://sinepe-rs.org.br)).

"Orientamos para que os pais sempre procurem a escola para esclarecer dúvidas, dar feedbacks, colocar suas angústias, saber dos procedimentos de segurança adotados pela escola. Com transparência e comunicação efetiva sobre o que está sendo feito, podemos trazer um pouco mais de tranquilidade à comunidade escolar", afirmou o Sinepe em nota, onde também recomenda:

"Importante também que orientem os filhos a não disseminar notícias falsas, pois estas contribuem para o clima de perturbação e insegurança no espaço escolar".



Pais não devem negar que casos como o de Blumenau (na foto) ocorrerem, mas precisam ficar atentos a cuidados

### Falar com crianças sobre tragédias exige tato

KARINE DALLA VALLE  
karine.dallavalle@zerohora.com.br

Episódios trágicos e difíceis de abordar, como o ataque à creche de Blumenau, podem despertar a curiosidade de crianças. Quando isso acontece, é necessário que se leve em consideração a faixa etária dos pequenos e sua capacidade de compreensão, dizem psicólogos ouvidos pela reportagem. Segundo eles, até os oito anos, em média, a criança ainda está em fase de desenvolvimento, com dificuldade para entrar em conversas complexas. Acontecimentos trágicos só devem virar assunto se ela perguntar, aconselha a psicóloga Renata Plácido Dipp, pesquisadora do Laboratório das Infâncias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Evitar a conversa ou negar que o fato existiu não são uma saída. A partir do momento em que a pauta entrou em jogo pela vontade do pequeno, o recomendável é aceitar o debate, tomando cuidado para não carregá-lo com sentimentos negativos.

– Não se deve desconsiderar o fato diante de uma criança pequena. Devemos dizer que sim, que isso aconteceu, mas precisamos ter cuidado para não imprimir com tanta ênfase sentimentos como ansiedade, dor e luto que o adulto possa estar vivendo. (Deve-se) responder o que a criança pergunta, validar que é um mo-

mento difícil, que todos sentem dor e medo. Toda essa validação de sentimentos genuínos é fundamental – diz.

#### Sinceridade

Se a criança fizer perguntas difíceis, enveredando por um caminho que deixa o adulto sem saber como se posicionar, é válido assumir a consternação e admitir que não tem todas as respostas.

– Dá para se mostrar tão atônito quanto a criança. Não precisa ter resposta pronta. Não precisa falar da condição mental da pessoa que cometeu o crime, por exemplo. Diga que as pessoas também estão tentando entender o que aconteceu – considera a psicóloga.

Fazer perguntas para a criança, em vez de sair desenrolando o assunto, é uma forma de medir o quanto ela sabe sobre o episódio e avaliar até onde dá para aprofundar o tema, recomenda Christian Kroeff, professor de Psicologia da Unisinos.

– Na hora de transmitir informações mais sensíveis, é importante ponderar até onde a criança consegue ouvir. E quando a criança pergunta, ela está sinalizando até onde conseguiu ouvir. Por isso é importante deixar a criança perguntar. Os adultos podem dar respostas mais genéricas – orienta Kroeff.

Dos nove anos em diante, a criança já consegue interpretar conceitos subjetivos e abstratos, e torna-se mais preparada para papos um pouco mais complexos.

– Nesse período, principalmente a partir dos 10 anos, já temos mais possibilidades de falar sobre problemas éticos, sobre bem e mal, falar que nem sempre as coisas são justas. Nesse período, é possível que se discuta, por meio de exemplos generalizados, as injustiças do mundo. A criança vai crescendo sabendo que o mundo é diverso – explica Renata.

#### Medo

Como ataques a escolas podem deixar a criança insegura e com medo, é importante cortar conteúdos violentos que ela possa estar consumindo na internet ou na televisão. Por fim, é fundamental reforçar que tragédias como essa são casos isolados, e que a sala de aula é um lugar bom de se estar.

– Tem que passar para a criança a segurança de ir para a rua, para a escola. Essas tragédias acabam servindo à ideia paranoica da escola como inimiga das famílias, quando na verdade a escola é uma parceira da família. Também é interessante que os pais se aproximem da escola, para pensar nas políticas de segurança e de cuidados contra o bullying – recomenda Kroeff.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política Pagina: 17